A ARTE NA ELABORAÇÃO DO TRAUMA: UM ESTUDO DE CASO COM UMA ESTUDANTE DE TEATRO

Jhonatan Felipe Souza Gomes[1]

RESUMO: A arte e o teatro sempre se mostraram como atividades humanas que dialogam com questões psicológicas; essa dimensão criativa pode ser um recurso para lidar com os traumas e o sofrimento. O estudo de caso com uma estudante de teatro de trajetória de vida traumática mostrou-se de grande importância nesse sentido. A investigação desse fenômeno é relevante por se tratar de um construto pouco explorado. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com procedimento de estudo de caso e de natureza qualitativa. O estudo tem como objetivo investigar aspectos da expressão artística envolvidos na elaboração do trauma psíquico. Utilizaram-se os relatos de cada sessão para a construção do mesmo, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e permissão por parte da coordenação da clínica da universidade, bem como aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa. Como resultado, obteve-se que as expressões artísticas, juntamente com a psicoterapia, favoreceram a saúde psíquica da paciente, facilitando a elaboração do trauma.

Palavras chaves: Teatro. Arte. Trauma. Abuso.

INTRODUÇÃO

A paciente apresentou rapidamente questões relacionadas à ansiedade, as quais ocorreram mais fortemente no período de pandemia. Entretanto, os maiores temas apresentados foram outros: forte insegurança para estabelecer novas relações; não resoluções quanto aos sentimentos de abandono por parte da mãe, que a deixou quando a mesma tinha um ano de idade e "sumiu" até Alice ter 17 anos. Ocorreram abusos por parte de três homens da sua família em momentos distintos; um desses aconteceu quando a mesma era uma criança, menor de seis anos, e em outro desses ela relata lembrar que houve penetração.

Alice teve uma relação muito fragilizada com o pai, que era envolvido no tráfico, o que culminou no seu falecimento. Essa relação se apresenta como fonte de muitas questões ao longo de sua vida. Ela narra episódios violentos de briga, distanciamento e até conta alguns sentimentos de falta dessa figura paterna presente.

A paciente também apresentou ter pouco vínculo afetivo com outros familiares. Ela apontou relações amorosas incompletas e confusas, refletindo uma forte sensação de

[1] Psicólogo pelo Centro Universitário UNIPÊ. Pós-Graduado em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica pela faculdade Futura. E-mail: jhonatanfelipe7x7@gmail.com.

insegurança ao se relacionar com alguém. Tal fato pode se dar, pois Alice não teve, durante o percurso da sua vida, nenhum local - tanto físico como emocional - no qual desenvolvesse seu eu de forma segura. Ela mudou-se de casa muitas vezes e morou com várias pessoas distintas ao longo da vida.

Ao longo do processo, observa-se que as demandas se localizaram inicialmente na tentativa de expressar suas dores e acessar o inconsciente para elaboração do trauma. Também foi refletido sobre suas relações afetivas e familiares, assim como sua autopercepção como mulher. Posteriormente, as sessões passaram a trabalhar mais a dificuldade em estabelecer relações mais íntimas e sólidas. Ela também apresentou questões quanto à escolha das atividades às quais deveria se dedicar, visto que em seu cenário atual de vida havia surgido muitas possibilidades de investimento (música, circo, teatro...).

Nos últimos encontros com Alice, ela foi elaborando que o fato de ter construído ali, no *setting* terapêutico, um ambiente de liberdade e fala, fez com que percebesse que um sintoma que carregou por muito tempo foi se diluindo: ela sempre se sentiu muito ansiosa e nervosa, acompanhada de dor na garganta sempre que se via numa situação de ter que falar ou se apresentar. Essa dor na garganta surgia frequentemente, e ela tentava se medicar; no entanto, na última sessão, ela apontou que percebeu que era um sintoma. O sintoma das privações que lhe foram impostas na sua liberdade de falar, de expressar. Todas as dores que ficaram "presas na garganta" acabaram se tornando um sintoma físico com dor real na garganta. Alice diz que percebeu que essa dor foi desaparecendo ao longo do processo terapêutico.

As atividades artísticas e expressivas são colocadas como recurso para enfrentamento e elaboração dos traumas; entretanto, tal instrumento não é tão explorado no âmbito acadêmico e terapêutico. Existe, portanto, uma grande potência nas artes e na criatividade, que acaba não sendo tão explorada pela psicologia.

O presente estudo busca também apontar tal recurso para além de setores limitados do conhecimento, disseminando um saber no qual todos - seja do meio acadêmico ou não - podem se utilizar, que é a possibilidade de curar-se de um trauma por meio da expressão criativa e artística.

A discussão de um caso clínico sobre abuso, abandono e traumas é de fundamental importância para abrir horizontes sobre as várias possibilidades que existem para lidar com tudo isso, dentre elas, a dimensão criativa que está intrinsecamente ligada à psicologia.

Além disso, justifica-se também tal estudo pelo fato de exemplificar claramente como as artes e outras atividades criativas atuam de forma eficaz no psiquismo humano e favorecem

a expressão e, consequentemente, a cura de traumas passados. Um estudo como esse é útil tanto para a área da psicologia como para um público genérico.

Tem-se como objetivo geral verificar se a expressão artística é um recurso na elaboração do trauma psicológico. Além disso, procura-se descrever o perfil da paciente no estudo de caso, identificar os processos de elaboração e resolução diante do trauma, e, por fim, levantar e analisar o histórico de vida da pessoa e relacionar com as formas de enfrentamento diante do sofrimento.

A Mãe Que "Sumiu"

Em face da descrição obtida na triagem da paciente e, posteriormente, suas narrativas nas sessões, é apresentada a ansiedade como queixa por parte da paciente. No entanto, ao longo das sessões, percebe-se que tal queixa não era mais expressada como primeiro sintoma, mas sim, as diversas vivências dolorosas experimentadas pela paciente. Existe um grande volume de material acadêmico dedicado a estudar exaustivamente o tema da ansiedade. No entanto, numa visão mais holística, observa-se que a causa da mesma torna-se muito peculiar a cada indivíduo, como é o caso estudado neste artigo.

Encontram-se definições para a ansiedade como angústia, ânsia, incerteza aflita, medo, estímulo, entre diversos outros conceitos (SERRA, 1980). Entretanto, pode-se afirmar que, para toda ansiedade, há uma raiz a ser descoberta, e quando a mesma é encontrada, o paciente começa seu processo de cura. Nesse sentido, a paciente em questão apresenta sentimentos ansiosos, porém nenhuma definição clara de TAG (transtorno de ansiedade generalizada), sendo possível observar nas sessões que os diálogos e reflexões sempre se voltavam às questões traumáticas. Assim, seguiu-se o processo terapêutico em busca de compreender melhor o sofrimento psíquico da paciente.

Observa-se no decorrer do processo que existe uma forte insegurança quanto às questões existenciais por parte da paciente. A mesma nunca teve um ambiente familiar ou de afeto que proporcionasse o mínimo de segurança. Além do episódio marcante de abandono por parte da mãe, a mesma segue em uma sequência de instabilidades, como é descrito na primeira sessão: "*Morou com o pai e a madrasta, com avó paterna, com uma tia e com a avó materna. Seu pai havia sido preso algumas vezes e 'se soltado'. Ainda, vivenciou: '(...) um namoro com uma menina que durou 6 meses, que foi profundo e no qual se conectava muito com ela, mas essa*

viajou para São Paulo.". Portanto, observa-se um histórico de inseguranças afetivas, no qual a mesma não teve a chance de se sentir confiante em nenhuma relação.

A figura de apego é essencial para um desenvolvimento humano saudável. Quando isso é negado ao indivíduo, o mesmo pode sofrer as consequências dessa lacuna ao longo da vida. Bowlby, 1979 (apud RAMIRIS; SCHNEIDER, p. 2), descreve que: 'No relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados na sua presença permitem que seja usado como uma base segura, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo'. Portanto, a partir dessa desestruturação e forte insegurança por parte das figuras de apego, vê-se não somente a ansiedade, mas também os diversos desafios de relacionamento com os outros e consigo mesmo que surgiram na vida de Alice.

A paciente relatou que sua mãe 'sumiu' quando ela tinha um ano e só veio 'achar' ela em Sergipe recentemente. Mantém pouco contato com a mãe, que já teve duas filhas e construiu outra vida. Alice não falou inicialmente sobre esse sentimento de saber que sua mãe 'sumiu' quando ela tinha apenas 1 ano; no entanto, depois ela narra sobre a necessidade de agradar a avó e a proximidade com figuras como professoras. Em certo dia das mães, uma delas lhe presenteou com um colar e falava que queria ter uma filha como ela, deu um terço e falou que ela poderia ter Maria como mãe. Observa-se aqui que ao longo de sua vida, a paciente tenta encontrar algumas figuras de apoio afetivo, chegando até a se relacionar com uma pessoa de 36 anos quando ela tinha 17. Alice conta que encontraram sua mãe depois que ela já era jovem, e essa mãe tentou estabelecer contato, mas ela era indiferente; sua mãe comenta sobre Alice ser mais próxima da tia e não dela. A paciente consegue ter o mínimo de afeto com uma tia e com uma avó em específico, o que pode ter sido fundamental para o seu desenvolvimento. Entretanto, Alice narra algo importante numa sessão: 'Não quero que ela seja minha mãe, mas quero que ela me busque'.

A necessidade de uma mãe ou qualquer figura que exerça o papel de maternagem é de fundamental importância, e o mesmo, como pode-se perceber, será sempre buscado, até mesmo após a infância:

> A vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe ou mãe substituta permanente, ou seja, uma pessoa que desempenha, regular e constantemente, o papel de mãe, mostra-se essencial à saúde mental do bebê. É essa relação complexa, rica e compensadora com a mãe, nos primeiros anos de vida, enriquecida de inúmeras maneiras pelas relações com o pai e familiares, que a comunidade científica julga estar na base do desenvolvimento da personalidade e saúde mental (BOWLBY, 1988 apud GOING; CREPALDI p 3, 2004).

A privação desses afetos pode ser traumática para a criança, podendo gerar alguns sintomas como '(...) angústia, exagerada necessidade de amor; fortes sentimento de vingança e, consequentemente, culpa e depressão' (p. 3). Ainda sobre isso, Winnicott (1962b/1996, p. 60) descreve a importância do papel materno: '(...) uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação às angústias impensáveis) possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade no padrão da continuidade existencial'. Assim sendo, a falta dessa mãe acabou tendo que ser suprida ao longo da vida. No entanto, as tentativas exercidas por outras figuras afetivas sempre eram frágeis e inseguras. Além disso, o fato de ficar sem um local de proteção tornou Alice vulnerável e sujeita ao abuso de alguns homens da família, o que comprometeu sua personalidade.

Na busca de fazer com que Alice expresse melhor essa dor, durante uma sessão, peço para que ela narre como via sua mãe. Ela conta que *achava que sua mãe era "livre"*, e quando pergunto se *"livre"* é a melhor palavra, ela afirma que sua mãe era *"desgarrada".* Vê-se que, em um processo terapêutico, os mecanismos de defesa sempre ficam em atuação. Na relação com a mãe, pode-se observar a tentativa de nunca manchar a imagem dos pais e a dificuldade de expressar a insatisfação que sente sobre eles, explicando a mudança no discurso. Uma mãe "livre" é uma forma mais branda de interpretar alguém que abandona, quando, na verdade, a mãe se definia melhor para ela como "desgarrada". Essa busca em expressar, juntamente com a possibilidade de narrar os fatos e os sentimentos, já tem grande valor terapêutico para a paciente.

Alice relata uma experiência dolorosa com a avó por parte de mãe; tal experiência reforça mais ainda seu sentimento de não acolhimento por parte das figuras afetivas: *nesse tempo ela namorava uma menina, nunca escondeu, às vezes dormia na casa dessa menina. Mas para a avó, no momento que Alice contou isso ela ficou em choque, falou diversas coisas horríveis pra ela, quis expulsar ela de casa e diante de um comentário de um homem da família a avó explodiu em casa dizendo que "nunca diga na rua que é minha neta", enquanto Alice rebateu: "não faço questão". A avó falou coisas amargas como dizer que o pai de Alice deveria ter estuprado ela; que assim ela aprenderia…*

O caso traumático do abuso, a falta de apoio por parte da avó nesse episódio e a ausência dos pais tornaram Alice alguém muito difícil de ser encontrada, de estabelecer amizades e de se deixar conhecer. Ser expulsa de casa e viver em vários locais diferentes fortalece a sua insegurança diante da vida. No entanto, essa necessidade de ser vista e reconhecida sempre esteve presente e se manifestou de algumas formas: *ela relembra como se sentia na necessidade*

de agradar as pessoas as quais conviveu e até mesmo um caso de um grupo de extensão da faculdade com o qual ficou muito triste em não conseguir atender as expectativas da professora. Alice conta também outros episódios nos quais se lamenta profundamente, por dias, devido não atingir a nota máxima numa apresentação.

Abusada por três homens

Alice narra um episódio no qual tem algumas memórias sobre um abuso sexual. Esse abuso, assim como outros, bem como assédios também, fomentaram alguns traumas e desenvolveram uma hiperssexualização. Sobre isso, pode-se observar: Falou ter sido abusada por três homens, dentre eles, tios. Falou de um episódio de penetração e outros de abuso. No tempo ela não sabia o que sentir, é insegura ao falar. Fala que percebeu que "mainha", sua avó, viu, mas não fez nada. Na infância para a adolescência, falou que gostava de se sentir desejada, e que seu "primeiro beijo" foi com um menino e ela tinha 6 anos. Que sempre ficava com meninos mais velhos, e mais pela sensação de ser desejada. Até chegar uma fase de introversão, 5ª para 7ª série, que não se relacionava nem se identificava com as meninas da sua idade - que estavam mais crescidas, com seios... - e conversava mais com os professores.

Essa sexualidade precoce desenvolvida em face de sequências de abusos, no início, desregula-se para um polo extremo de desejo e pulsões, entretanto, depois, segue para um polo de introversão e timidez, assim como vergonha, a qual a mesma sente até os dias recentes.

Os outros episódios de abuso foram narrados de forma menos detalhada: às vezes em que um tio seu lhe acariciava com os pés e ela, ainda criança não sabia o que sentir com aquilo. Outro episódio ainda muito traumático foi quando ela tinha 15 aos e seu pai já havia sido solto, ele tentou estuprá-la: ela estava tomando banho, *quando ele disse "eu vou entrar", ela responde assustada: "é o que?" e ele repete que vai entrar. Ela se enrola na toalha e foge pra frente da casa com vontade de gritar, mas não conseguia... Depois disso foi morar com a avó... Não quis contar pra madrasta pois segundo ela era uma mulher "sem autoestima, que aceitava tão pouco", era como se caso contasse pra madrasta "ela não se separaria", ela não faria nada. Contou outro episódio, no qual ficou muito tempo sem falar com o pai dentro de casa e ele se irritou em certo dia e lhe deu um tapa na cara; quando ela respondeu "quem você pensa que é?" ele deu outro. Ela se afastou e ameaçou chamar a polícia, mas ligou para a avó.*

Essas situações em que a criança e adolescente se viam sem apoio emocional, sem ninguém com quem contar e dialogar sobre suas dores, acabaram formando uma personalidade

muito tímida. No entanto, ela "aprendeu a se virar sozinha". Portanto, Alice fez um curso técnico, outro curso de teatro, trabalhou como estagiária numa empresa e manteve sua pulsão de vida. Posteriormente, pôde elaborar tudo melhor com a expressão artística.

Um Pai Preso Por Tráfico

Seu pai havia sido preso algumas vezes e "se soltado". Relata não ter sentido muito a morte do pai, tanto é que a reposta ao ano (que ele foi solto) *não foi muito precisa. Mas conta que morreu em 2017, ela tendo 17 anos. Alice fala sobre seu pai: relembra a infância quando num dia do seu aniversário lhe deu um presente, quando eles saiam pra passear, andar de bicicleta... Isso antes da sua primeira prisão. A mesma conta com rancor como ele "poderia ter saído do tráfico" e ele dizia que fazia isso por ela e pelo irmão, mas não, "ele fazia isso por ele" ...*

Alice ter tido a chance de falar sobre seu pai, assim como poder falar sobre os abusos, por si só se constituiu em uma ação curativa, tal qual o pensamento de Freud sobre o falar. Portando, apesar de ter sua sexualidade afetada, Alice conseguiu, ao longo da vida, desenvolver recursos que lhe permitiram caminhar.

A mesma descreve dois relacionamentos com meninas, um dos quais foi muito especial, porém, a mesma se sentia distante emocionalmente, pelo fato da parceira ser bem mais velha. Conta algumas outras experiências sexuais, mas sem nenhum sinal de extremos como aconteceu na adolescência.

Teatro e a dificuldade em improvisar

Relatando sobre seu curso de teatro, ela mesma fala com alegria; conta as experiências de atuação e a área que tem dificuldade é improvisar e lidar com o humor, e que não consegue se *"despir"* completamente. Alice conta que desde criança observava as novelas e se encantava com os personagens: *"como alguém é uma pessoa e depois outra?"*. Esse fascínio por ser outra pessoa e essa escolher em se dedicar ao teatro aponta claramente sobre seus porquês na vida. Com um histórico de escassez afetiva e pouco espaço de comunicar, expressar e experienciar seus sentimentos, o teatro coloca-se como espaço para ela poder "ser" e até se comunicar, de forma abstrata, com os seus sentimentos.

Nise da Silveira (1981, p. 23) coloca a abstração como uma das linguagens possíveis para expressar os sentimentos; em sua experiência marcante com o trabalho terapêutico num hospital psiquiátrico, ela mostra como a arte tem esse papel fundamental na experiência de comunicar os afetos e sentimentos reprimidos. O que não é muito diferente da experiência que Alice narra em suas práticas no curso de Teatro.

A dificuldade em improvisar e em desenvolver atividades mais voltadas ao humor também pode ser em face desse histórico de privações e também do fato de que, para improvisar, ou melhor, para "criar do nada", é preciso do mínimo de estrutura espontânea na infância. No caso de Alice, ela foi forçada a ter que "criar", mas não para se divertir e sim para sobreviver. Assim, nos casos em que é preciso improvisar, ela trava. *"Não sou boa com improvisação". "Quando preciso fazer alguma coisa, eu não consigo".* É o que Alice narra numa sessão.

Essa capacidade de improvisar é discutida pelo Psicodrama e apresentada como um dos pilares dessa elaboração psicológica: "(...) ou seja, através do psicodrama espera-se que a pessoa relembre, reviva e reconstrua o vivido, a partir de uma exposição num contexto protegido e sob condições tais que ela possa se expressar de improviso, o mais espontânea e criativamente possível" (STANISLAVSKI, 2004, p. 10 apud BAREICHA, 1999).

Desse modo, Alice passa a comunicar-se nessa relação com o Teatro e as artes, e desenvolver a possibilidade de expressar suas dores, revivendo e ressignificando seus traumas e experiências de vida. E mesmo com a dificuldade em improvisar, ela conta sempre se sair bem nas notas, nas apresentações e dinâmicas propostas.

Espontaneidade e Criação No Processo de Elaboração do Trauma

Com a psicologia, trabalhando essencialmente com a possibilidade de fala e expressão, verifica-se que o conceito de espontaneidade está fortemente atrelado a isso. Portanto, à medida que Alice atuava em papéis diversos em suas atividades teatrais, a mesma naturalmente recriava mundos e possibilidades para si, mesmo que inconscientemente. Sobre isso, observa-se o que é dito por Conserva (2014, p. 11): “Numa oportunidade de realização pessoal, o indivíduo alcança a capacidade de desempenhar naturalmente seus papéis, formar relações que reflitam sua identidade e, assim, vislumbrar novos horizontes.”

Desse modo, o teatro colocou-se como uma grande ferramenta para possibilitar a expressão da dor, assim como forma de comunicar os sentimentos. Nesse sentido, ser

espontâneo é fundamental para a liberdade interior. “A espontaneidade ocorre quando as pessoas conseguem viver, no tempo presente, uma relação livre de transferências ou de interferências dos climas afetivos negativos e inibidores.” (BRUHN, 2021, p. 4). Nesse conjunto terapêutico que ocorreu, das sessões junto com as atividades da faculdade de teatro, favoreceu-se a elaboração dos traumas da paciente em questão.

Jacob Levy Moreno foi o precursor dessa ideia do drama, utilizado como forma terapêutica. A ideia do criar e do atuar é discutida pelo mesmo em diversos trabalhos, e “(...) sua importância fica evidente no livro Quem sobreviverá?, no qual Moreno (1992) responde ao título afirmando que sobreviverá quem, em última instância, puder criar.” (BRUHN, 2021, p. 4). Ainda sobre a ideia do criar, Poncinho e Garcês (2018, p. 6) afirmam que a criatividade é uma das ferramentas disponíveis ao ser humano que lhe permite elevar o seu pensamento e as suas capacidades para além do aqui e do agora, para o mundo das ideias e da imaginação.

De modo mais abrangente, criar é essencial ao ser humano para que o mesmo se mantenha vivo e em desenvolvimento. Sobre isso, Winnicott (1999, p. 25) observa: “(...) o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é está vivo. (...) é própria do estar vivo de tal forma que, a não ser que a pessoa esteja em estado de repouso, ela está sempre tentando, de algum modo, alcançar algo.”

O psicodrama, entretanto, atua de modo mais específico, buscando técnicas de drama para a vivência terapêutica. Mesmo que Alice não tenha sido submetida a nenhuma técnica dentro do *setting* terapêutico, a mesma experimentou no teatro diversas formas de comunicar suas dores, mesmo que indiretamente. Sobre o psicodrama, observa-se que o mesmo é “(…) uma legítima ramificação da arte, através da representação, promover a recuperação e a elaboração simbólica dos conteúdos emocionais de nossa cultura, segundo Brito” (1990 apud Bareicha, 1999, p. 12).

Dor Na Garganta

Na última sessão, Alice fala sobre uma dor na garganta que sempre a acompanhou na sua vida. Conta que a sentia às vezes antes de alguma apresentação e também sempre que ficava com raiva de alguém ou de alguma situação. Ela até tinha feito exames e tomava remédio quando isso acontecia, mas era passageiro. Nesta sessão, ela narra que essa dor de garganta que sempre a acometia como sintoma de algum estresse ou angústia a deixou gradativamente, ela mal lembrava da última vez. Alice conta que hoje consegue associar ao fato de como a terapia tinha a ajudado nesse sentido. E que, ao poder se expressar ali, aquele sintoma foi se diluindo.

Por fim, essa descrição feita pela paciente aponta para uma evolução emocional e existencial, na qual ela já consegue fazer a sua própria análise e elaborar suas questões com mais facilidade. Essa somatização clara ocorrida com Alice deixa evidente o quanto, durante sua vida inteira, ela foi silenciada nos seus afetos, silenciada nas suas queixas e dores e também ficou calada diante dos abusos sofridos. Uma existência trilhada na tentativa constante de sobreviver, porém, sem poder ser leve. À medida que ela encontra um espaço de expressão e criação, na terapia e no teatro, essa somatização vai deixando de existir, a dor por ter uma garganta "fechada" "inflamada" é substituída por um ego que se expressa e cria mundos possíveis para viver.

A paciente teve uma evolução emocional no sentido de que ela conseguiu expressar-se bem quanto às dores profundas com relação à família, ao abandono e aos traumas. Veio apresentando questões novas e situações nas quais ela já está envolvida em novas relações, o que parecia mais difícil anteriormente.

Estando mais engajada nos propósitos e sentidos que ela foi acrescentando à sua vida, ela se vê viva nesse contexto, inclusive relata de uma viagem que realizou para fazer algumas apresentações e como isso foi importante. Ainda sente dificuldade nessa relação com o outro, mas apresenta-se com uma estrutura egóica mais forte para enfrentar as situações. Portanto, observou-se que o espaço terapêutico de escuta livre, acolhimento da dor e diálogo sobre as questões da existência facilitou muito a elaboração do trauma por parte da paciente. Ela iniciou o processo terapêutico de forma muito tímida e insegura, mas termina com um semblante mais seguro e feliz. Ela relata sentir-se diferente daqueles primeiros dias.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com procedimento técnico de estudo de caso clínico e de natureza qualitativa. Baseia-se nas informações obtidas a partir de uma investigação direta, visto que a pesquisa de campo proporciona a oportunidade de analisar os fenômenos que ocorrem no cotidiano. Foi realizado um estudo de caso com uma estudante de teatro com o objetivo de investigar aspectos da expressão artística envolvidos na elaboração do trauma psíquico.

Foi utilizada uma das salas da clínica de psicologia do Centro Universitário da Paraíba – UNIPÊ, na qual os estagiários do curso de psicologia prestam atendimento à população sob supervisão da coordenação do curso e de professores responsáveis. Participou dessa pesquisa

Alice (nome fictício), jovem de 22 anos, solteira, não possui filhos, estudante do curso de Teatro, pessoa de baixa renda, sem contato frequente com os pais biológicos. Nascida na Paraíba. Como critério de inclusão, adota-se que a participante tenha mais de 18 anos e estivesse de acordo com a pesquisa, assinando o termo de consentimento livre esclarecido. Adotou-se o critério de exclusão para o caso, os pacientes que não possuíam caso clínico semelhante à temática do estudo.

Após o consentimento da clínica de psicologia, representada pela sua coordenadora, tendo a mesma assinado o Termo de Anuência, foi recolhida também a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado e lido pela paciente para o estudo de caso, no qual foi informado que a pesquisa mantém o sigilo das identidades da paciente assim como garante os cuidados éticos com as informações coletadas nos relatos de caso das sessões, deixando claro que tais informações só serão utilizadas para o estudo de caso. Somado a isso, informa que a participante não terá nenhum custo com a pesquisa e, em face de qualquer adversidade, o pesquisador se responsabilizará. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE: 69832923.6.0000.5176).

O processo psicoterapêutico com o paciente teve início no dia 29 de Março de 2022, pausa durante o recesso e retorno em 25 de Agosto até o dia 24 de Novembro. Foram utilizados como recursos psicoterápicos no atendimento a observação direta, a escuta psicológica, intervenções verbais e entrevistas livres. A análise dos dados ficou a cargo das observações, análises e estudos bibliográficos por parte do pesquisador, com ênfase em entender e descrever o caso estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após fazer o acompanhamento do caso em questão, ser supervisionado num grupo acadêmico e discutir as questões relativas à paciente Alice, percebi que o caso merecia um estudo aprofundado, que reunisse diferentes fontes teóricas, para explorar na perspectiva da psicologia um fenômeno existencial tão interessante. A trajetória psicológica da paciente vítima de muitas situações de vulnerabilidade é um caso riquíssimo, pois o mesmo avança de forma eficaz, de modo a ser verificado não somente por mim enquanto psicólogo, como pelo grupo de supervisão e também pela própria paciente.

Explorar a psicologia da criatividade, mais especificamente da arte teatral, foi de grande importância, pois não se trabalha muito com isso de maneira prática no campo acadêmico.

Assim como não é tão percebido o quanto as artes, de maneira geral, estão presentes no dia a dia na música, no cinema, nas conversas, no humor, no entretenimento, no marketing... E a psicologia precisa utilizar esse recurso como forma de canalizar os sentimentos mal elaborados e os traumas. Afinal, a base de qualquer terapia é criar um ambiente de fala e expressão!

Como resultado, percebeu-se um avanço na elaboração dos traumas sofridos na infância e adolescência de Alice. Esta, que entrou nas primeiras sessões de forma introspectiva e tímida, ao longo do processo se torna alguém que se autoanalisa e cria mundos possíveis para si diante das suas questões. Além disso, tem-se como resultado a constatação da grande importância das artes na vida de qualquer ser humano.

O presente estudo de caso se diferencia, visto que dialoga com uma área do conhecimento que é usufruída por todos, que é a arte, porém, não consegue chegar ao cotidiano como recurso psicológico. Ou seja, a relevância aqui se dá pelo fato de abrir possibilidade a todos psicólogos ou não para usar das artes para expressar seus sentimentos. Além disso, aponta para uma área tão rica, inspiradora e que, por si só, traz beleza e leveza para a vida. Infelizmente, tem-se a limitação dos números, tendo em vista que a pesquisa foi elaborada em torno de uma pessoa apenas.

Verificou-se que a expressão artística é um recurso na elaboração do trauma psicológico. O estudo de caso em questão apontou claramente para o fato de que a junção do processo psicoterapêutico com as atividades artísticas que a paciente praticava foi fundamental para o desenvolvimento e amadurecimento da estrutura psicológica, bem como a resolução dos traumas passados.

THE ROLE OF ART IN TRAUMA PROCESSING: A STUDY CASE WITH A THEATER STUDENT

Abstract: Art and theater have consistently demonstrated their capacity to engage with psychological issues, offering a creative dimension that can serve as a resource for addressing trauma and suffering. This study case involving a theater student with a traumatic life history proved to be highly significant in this regard. The investigation of this phenomenon holds relevance due to its relatively unexplored nature. This is a descriptive research, based on a study case and qualitative nature. The study aims to explore aspects of artistic expression involved in the processing of psychological trauma. Reports from each session were utilized in constructing the study after signing the informed consent and permission from the university clinic's coordination. The results indicated that artistic expressions, along with psychotherapy, fostered the patient's mental well-being, facilitating the processing of trauma.

Keywords: Theater; Art; Trauma; Abuse.

REFERÊNCIAS

BAREICHA, P. **Psicodrama teatro e educação em busca de conexões.** Linhas Críticas, v.4, n.7-8, jul/98 a jun/99.

BRUHN, M M. **Cartografia da alegria: encontros entre palhaçaria e psicodrama**. Rev. Bras. Psicodrama, v29, n3, p.205-213, Set. – Dez.. São Paulo, 2021.

CONSERVA, N C**. Teatro e psicanálise: uma leitura da obra de jacob levy moreno**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente 5(1): p. 29-45, jan-jun, Rondônia, 2014

CREPALDI, E B M A. **Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção**. Estudos de psicologia, v.21, n.3, p.211-226, setembro/dezembro, Campinas, 2004.

PONCINHO, M; GACÊS, S. **Psicologia da Criatividade**. Ed 1, Portugal, Universitário da Penteada, 2018.

RAMIRES, V R R; SCHNEIDER, Michele Scheffel. **Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Jan-Mar Vol. 26 n. 1, pp. 25-33. Vale do Rio dos Sinos, 2010.

SERRA, A S V. **O que é a ansiedade**? Psiquiatria Clínica 1 (2) pp. 93-104, 1980

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra. 1981.

WINNICOTT, D W (1996). **The Maturational Processes and the Facilitating Environment.** Madison: International Universities Press Ego Integration in Child Development 1965

WINNICOTT, D. W**, Tudo Começa Em Casa**, São Paulo, Ed.Fonte., 1999